A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Bem sei, minha estimavel leitora, bem sei que ajoelhada humildemente aos pés do confessor desfez sem custo essa intrincada têa de pequeninas coisas... Cumpriu depois a penitencia, e prompto! Pode peccar, minha estimavel leitora.

Abençoado seja este singelo preceito catholico romano, mediante o qual a nossa contingencia, trezentos e sessenta e cinco dias por anno, passeia despreoccupada na superficie escorregadia do planeta que habitamos. Bem haja o sacerdote que nos absolve das quedas, e que tambem—condescendencia evangelica—ás vezes se não poupa de cair.

Tristissima semana a que passou! Dias de funda amargura em

D. NARCISO MARTINEZ IZQUIERDO

que toda a christandade se enche de luto... e de amendoas, commemorando aquelle intenso martyrio que teve epilogo no Calvario, onde o espirito de Deus, abandonando o acanhado envolucro da sua encarnação, se refundiu para sempre n'esse mysterio immenso, e indecifravel portanto, da Santissima Trindade. E já agora não é licito esperar que volte Deus á terra; o mundo civilisou-se, e acha-se actualmente insupportavel.

Acompanhei-te, ó Christo, pela semana fóra, e tive pena, bem sabes, ao ver que tantos seculos depois da tua morte, soffres bem mais nas mãos d'aquelles que te adoram, do que soffrias então nas mãos dos teus algozes. Vi-te curvado ao peso de uma cruz esmeradamente pulida, e, acercando-me de ti, pasmei da fria inexpressão com que fitavas o solo, tu, cujo olhar sublime se dilatava no azul, ao tempo que pulsava moribundo o teu ardente coração de visionario! Perdôa, ó Christo, esse esculptor preverso. E' como os teus assassinos: *elle não sabe o que faz.*

Vi-te depois crucificado, e magoei-me tambem de que assim jazessem inertes esses teus braços divinos, por cujo amparo soluçam tantos e tantos infelizes!

Senti crusarem-me no espirito, com a insistencia das nuvens em athmosphera calma, aquelles versos do Junqueiro:

Um Deus cadaver! um cadaver frio!
De que nos serve um Deus ermo e sombrio,
De labios mudos e de olhar sem luz?
Como ha-de elle amparar os desgraçados,
Se tem os braços lividos pregados
Nos braços de uma cruz?

Veio depois uma alleluia ruidosa, e resurgiste, Senhor! Respiram emfim livremente aquelles que te amavam e que já podem agora implorar do teu auxilio, cumprido o evangelico dever de chorar das tuas magoas!

De resto, pelas egrejas, a extraordinaria concorrencia do costume. Os mesmos olhares, as mesmas pessoas; a cêra é que era nova, inteiramente nova. Era toda d'este anno, e tinha a marca—R. P.—repartições publicas.

Nem tudo, porém, foi santo n'esta devota semana que passou. Houve, nem mais nem menos, a representação da *Herodiade*, que segundo a opinião do reverendo padre Pereira foi uma heresia, e segundo a opinião d'alguns herejes foi uma estopada. Eu declaro que fui herejе até ao terceiro acto. No começo do quarto, destapei os ouvidos e bati no peito, em signal de contricção.

O reverendo Pereira é que não foi de meias medidas. Subiu ao pulpito, benzeu-se, e excommungou de um jacto a opera toda. Inclusivè o quarto acto. Parece-me que fez asneira.

E' possivel que o reverendo tivesse rasões especiaes para proceder tão rigoroso. E' possivel que lhe pareça o Guille demasiadamente baixo para S. João Baptista, mas n'esse caso tinha obrigação de perdoar-lhe, visto que naturalmente o santo, em compensação, cantava muito peior.

Fosse como fosse, o que é certo é que o reverendo padre excommungou a *Herodiade*, um pouco antes talvez de a ter ouvido. Quem sabe mesmo se procedeu por informação do chronista A. de V. que no *Jornal da Noite* escreveu, a proposito da peça, uma longa critica, cheia de effeitos de sonoridade e de tessituras elogiosas. N'esse caso fez muitissimo bem; a excommunhão seguirá rapidamente ao seu destino, visto que o referido chronista se acha ha tempo em correspondencia directa com Massenet. Percebe-se.

Ou então seria *réclame*. Passe vossencia muito bem, reverendissimo padre.

E, a proposito de musica, é justo que não deixemos no olvido o magnifico concerto realisado, na terça feira, pela *Real Academia de Amadores*.

Os concertistas, amadores que são, acham decerto naturalissimo que não especialisemos. Todos muitissimo bem. Todos á altura da reputação d'aquella sociedade, primeira que entre nós e em tão pouco tempo logrou distribuir, n'este frio e massudo espirito lisboeta, uma corrente de enthusiasmo que se traduz na affluencia extraordinaria de que terça feira regorgitava o espaçoso salão da Trindade. Muitas palmas, muitas flores, o que nos dispensa de prolongarmos aqui o nosso applauso que, não sendo embora menos sincero, seria decerto menos eloquente do que a ruidosa ovação de que já foram alvo os sympathicos e distinctos concertistas.

Lá tive o gosto de vel-a, minha adoravel leitora. Estava muitissimo bem na sua caprichosa *toilette*. O que, porém, seria perfeitamente dispensavel era a insistencia com que mirava, atravez do seu *lorgnon* petulante, aquelle D. Juan de bigodes, correctamente empertigado na respectiva casaca, e soberanamente orgulhoso de captivar a attenção de tão distincta dama.

Porque afinal, leitora, a mulher que se apaixona por um homem de bigodes está a ponto de declinar o seu prestigio, e de reduzir-se á semsaboria domestica. Eu mesmo, se bem que muito menos D. Juan, seria muito capaz de lhe fazer a côrte, se não fosse contra os meus principios roubar ao mundo alegre uma senhora elegante, e não tivesse tambem algum receio d'abrir conflicto com o homem dos bigodes.

Em fim, perdoo-lhe, visto que não se esqueceu de applaudir com as suas mãos pequeninas aquelle extraordinario *Orpheon* que, muito embora constituido, na sua grande parte, de rapazes que não conhecem uma nota de musica, espalhou comtudo pela sala uma irreprehensivel torrente de harmonia. O' corajosos cantores! como vos admiro, e como vos invejo, pois que só vós conseguirieis desviar d'aquelle impertinente homem o encantado olhar da minha adoravel leitora!

E—ainda a proposito de musica—a Patti, ao despedir-se de Lisboa, deu dois mil réis por um jornal!

Emfim, com sacrificios é que se ganha o ceu.

Joaquim Lima.

VILLEGIATURA

No dia do meu enterro,
Tu has de ir vêr-me passar,
Adormecido de forma
Que em ti não hei de sonhar.

E chora, se ainda a tiveres,
Uma lagrima por mim:
Faze-a dos beijos que eu dava
Nos teus labios de carmim.

E se perguntarem, filha,
Que é o que te faz padecer,
Lembrem-te ainda as torturas
Que me fizeste soffrer.

E responde aos curiosos
Que perguntam quem morreu:
—«Ali vae o meu amante,
Que tantos beijos me deu!»

Cyrillo Machado.

RECORDAÇÕES DE UM JORNALISTA

ESTRELLA DE ALVA—FOLHA DOS CURIOSOS—GAZETA DE PORTUGAL

A *Estrella de Alva* foi um periodico litterario, que se publicou ha uns bons vinte e cinco annos em Lisboa, tendo como redactor principal o sr. Alfredo de Oliveira Pires, rapaz de um talento promettedor, que uma fatalidade arrojou para fóra do paiz. Abria esse jornal as suas portas principalmente aos versos dos principiantes.

Nós então eramos idealistas, e detestavamos os sonetos. Fallavamos de virgens ideaes, de illusões perdidas, tratavamos as nossas damas um pouco brutalmente por *mulher!*— tudo isto em rimas encadeiadas, ou em versos de arte maior, toda a bagagem metrica da renascença romantica. Hoje ás damas não se chama assim mulheres! com pontos de admiração, mas chamam-se-lhes amavelmente outras coisas, que os filhos depois consideram muito injuriosas para elles. Depois voltou-se ao soneto. Eu vou desconfiando de que o progresso é uma nora. Viu a minha geração sumir-se com o poeta Bingre o ultimo alcatruz dos sonetos. Afinal de contas, debruçando-me avidamente para o poço d'onde veem surgindo as novas formas e os novos ideaes, vejo apparecer uns alcatruzes, attento n'elles .. são os sonetos.

Os nossos jornaes litterarios tinham uma nomenclatura ingenua e meiga, eram a *Estrella de Alva*, a *Aurora Litteraria*, uma astronomia completa que sahia cara como o diabo aos editores, apesar de não darem cinco réis pela redacção; mas eu creio que os compositores pediam mais caro, allegando que apanhavam todos os dias com as muletas da immensidade de versos coxos, que lhes passavam pelas mãos, e queriam ser indemnisados.

Comtudo parece-me que para a *Estrella de Alva* e para a *Aurora Litteraria* apenas mandei, a pedido de amigos meus, duas ou tres poesias. Nada posso dizer a respeito da indole d'esses jornaes, uem dos segredos das suas redacções.

A *Folha dos Curiosos* foi um jornalsinho muito pequerruchinho, que Eugenio de Castilho, o mais novo dos filhos do grande poeta, quiz publicar, mas que viveu muito menos ainda do que vivem as rosas, porque a sua existencia foi mais curta ainda do que a da Aurora... Litteraria. O pobre Eugenio, que tinha devéras talento, está hoje perdido para as letras, em consequencia de uma fatal doença, que o tem affastado até do trato do mundo. E d'ahi é possivel que, na solidão em que está confinado, e que é illuminada por um raio das alegrias santas da familia, as letras o consolem um pouco das tristezas do seu affastamento.

Páro emfim diante do nome da *Gazeta de Portugal*. Apezar de me ter referido muitas vezes, no decurso da minha carreira litteraria, a esse explendido jornal, ainda me resta muita coisa para dizer a esse respeito,

A *Gazeta de Portugal* foi fundada por Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, quando regressou de França a Portugal. Vinha o eminente escriptor debaixo de grande temporal desferir as velas d'esse novo baixel jornalistico. Houvera em França um famoso processo Le Sire e Thieury, em que se tratára de condecorações falsas ou coisa assim, e em que o nome de Teixeira de Vasconcellos andára envolto com mais ou menos razão. O que é certo é que o jornalismo progressista historico, disposto a aggredir energicamente esse novo campeão regenerador, cujo vigor todos conheciam, deu sobre o recemchegado uma carga *á fond de train*, que o magoou cruelmente. O *Portuguez* sobretudo, que guardava as tradições bellicosas que se ligavam ao seu nome, o *Portuguez*, redigido então principalmente por João Felix Rodrigues Tanas, como elle declarou uma vez que se ficava chamando, para dar fóros de appellido a uma alcunha, o *Portuguez* insultou-o com ferocidade. Teixeira de Vasconcellos, modelo de cortezia e de urbanidade, começou no seu novo jornal a defender-se das aggressões brutaes.

Já contei, no artigo que escrevi por occasião da morte de Teixeira de Vasconcellos, esse combate curiosissimo. Agora fallarei simplesmente do aspecto geral do novo periodico.

A *Gazeta de Portugal* começando, parece-nos que em novembro de 1862, imprimia-se na typographia do sr. Gonçalves Lopes, na rua da Cruz de Pau. Alli se imprimira em tempo o *Futuro*, alli se imprimira a *Politica Liberal*, e depois da *Gazeta* muito tempo se imprimiu alli a *Democracia*.

Desejoso de entrar na vida militante do jornalismo, levei uma vez a Teixeira de Vasconcellos um romancinho que escrevera com o titulo de *Um melodrama em Santo Thyrso*. Teixeira de Vasconcellos morava então na rua de S. João dos Bem Casados. Estava para sair, com um longo charuto na bocca, de chapeu na cabeça. Já me conhecia, já me revira até um folhetim, e m'o fizera publicar na *Revolução de Setembro*. Accolheu-me portanto com benevolencia.

—Leia-me ahi o que lhe parecer melhor.

Li-lhe uma scena em que um lisboeta na provincia descrevia phantasticamente a umas meninas avidas de noticias. Os cogitar, os Typos dos principaes escriptores.

Rio-se, tirou-me o manuscripto da mão, metteu-o na algibeira, e disse-me:

—Publica-se ámanhã.

E publicou-se.

N'essa occasião Camillo Castello Branco publicava na *Revista Contemporanea* uma serie de romancinhos, com o titulo de *Casamentos*. Imitando o méstre, quiz fazer tambem uma serie de *melodramas*.

Pouco tempo depois levei-lhe um *Segundo melodrama*, e em seguida outro intitulado *Um melodrama a valer*. Foi o que saio depois no primeiro *Brinde do Diario de Noticias* com o titulo de *Agonias obscuras*.

Dias depois Teixeira de Vasconcellos, que estava á sua meza de redacção escrevendo n'umas pequenas tiras de papel, que eu adoptei para os meus manuscriptos, o seu artigo de fundo, disse-me, levantando os olhos por cima da luneta, e gaguejando como sempre:

—Vieram algumas pessoas comprar os numeros do jornal em que sairam os seus folhetins. Continúe... que vae bem.

D'ahi a tempos, Matheus de Magalhães, que fazia na *Gazeta de Portugal* umas revistas de semana muito correctas mas muito frias, cançou-se ou cançou o publico. Teixeira de Vasconcellos offereceu-me o logar vago.

E aqui fiquei eu redactor effectivo e remunerado da *Gazeta de Portugal*.

A tarefa era difficil Julio Cesar Machado estava então em plena florescencia, e o publico só tinha olhos para elle. As tres edições dos *Contos ao Luar*, devoradas em oito dias, demonstraram claramente a immensa popularidade do moço folhetinista. Era difficil conquistar um logar ao seu lado.

Recordo-me porem que o meu primeiro folhetim, publicado a 23 de agosto de 1863, tratava da estreia de um moço actor no *Ricardo III* de Shakespeare. Sabem quem era esse actor que se estreiava?

João Rosa.

No outro dia, applaudindo o no *Duque de Vizeu*, recordava-me com saudades do tempo em que elle entrava, protegido pela gloria de seu pae, n'essa carreira onde tem conquistado tão largos triumphos, e em que eu entrava tambem, conduzido pela mão triumphal de Teixeira de Vasconcellos, na arena do folhetim.

O curto periodo da existencia da *Gazeta de Portugal* no seu formato pequeno na rua da Cruz de Pau foi, apezar dos triumphos que teve depois, talvez a sua epoca mais gloriosa.

Em fevereiro de 1863 Teixeira de Vasconcellos, para solemnisar o exito da sua *Gazeta*, deu no Hotel de Italia um jantar aos seus collaboradores, tanto effectivos como eventuaes.

Já eu figurava entre elles. Jantei ao lado de Joaquim Pedro Celestino Soares, o auctor dos *Folhetins maritimos*. Estavam no jantar, que me lembre, Thomaz Ribeiro, Antonio Feliciano de Castilho, Luiz de Malafaya o primeiro folhetinista da *Gazeta*, que deixou o seu cargo a Matheus de Magalhães quando partio para o Brazil, e Brito Aranha, fóra outros ainda de que me não recordo agora.

Brito Aranha fôra o dedicado collega de Teixeira de Vasconcellos, encarregado, juntamente com Severo dos Anjos, um rapaz espirituosissimo hoje enterrado não sei já em que logar da burocracia, da secção noticiosa. Depois veio Luiz Quirino Chaves, que alli principiou a traduzir varios romances francezes, entre outros o *Caçador de camurças* de Emilio Souvestre. Depois um bello dia levei eu o meu pobre amigo Osorio de Vasconcellos, e apresentei-o ao director da *Gazeta*. Estreiou-se com uns *Fragmentos de uma viagem á Beira*, firmados com o pseudonymo de *Sylvio*. Teixeira de Vasconcellos sentio logo que estava alli um grande talento, e nunca mais o largou.

Depois Osorio de Vasconcellos appareceu um bello dia no escriptorio da redacção da rua da Cruz de Pau, quando Teixeira de Vasconcellos enchia com a sua lettra fina e aristocratica as tiras de papel necessarias para um artigo de fundo, e quando eu, com o nariz em cima do papel, redigia uma correspondencia de S. Petersburgo.

—O' Teixeira de Vasconcellos, disse Osorio com a familiaridade que assumiu logo, você quer um collaborador de muito talento?

—Venha elle... ain...da ha logar á meza. Quem é essa phenix?

—Um professor de mathematica da Escola Polytechnica.

—Hein? disse eu, levantando o nariz que o frio da Russia, onde estava n'esse momento, nem por sombras gelára.

A minha intervenção era desculpavel. Eu era então alumno da Escola Polytechnica.

—Um lente de mathematica! prosegui eu, espantado. E' o Ghira?

—Qual Ghira! tornou Osorio apertando-me a mão. Então eu vinha recommendar o Ghira? E' um rapaz do nosso tempo, que tu nem sonhavas que havia de querer ser jornalista.

—O que! o sr. lente novo! acudi eu logo, em presença d'esta indicação. Ent o elle abandona o $x+y$?

—Você tambem o conhece? disse Teixeira de Vasconcellos.

—Tambem!

—Tem effectivamente talento?

—Isso tem, e como poucos.
—Pois então... seu... Sylvio, traga você o mathe...matico, e... como é que se chama esse de...sertor da algebra?
—Marianno de Carvalho.
Quem nos dizia a nós, n'esse tempo de boa, alegre e esperançosa camaradagem jornalistica, que depois as luctas da vida, e as miserias da politica nos haviam de dividir tão cruelmente?

PINHEIRO CHAGAS.

VERSOS A UMA DEFUNTA

Não te venho prender á candida mortalha
As quadras triviaes d'um coração que chora:
Que a virgem, com o heroe que morre na batalha,
Vae ao sepulchro envolta em pavilhões d'aurora.

Não te venho contar os lyricos espasmos,
O desespero e dôr da minha alma ferida,
Nuvem que se dissipa aos fortes enthusiasmos
Da rubra sedição a que se chama—a vida!

E, como folha secca em pallidas alfombras,
Não me arrasta o tufão dos negros desenganos;
Nem vejo desfillar agora, como sombras,
Os dias todos sol dos meus vinte e dois annos!

Nem tenho a doce esperança, oh candida defunta!
Que tu tinhas na fé, na mystica certeza;
Se para nos formar sómente a vida junta
Os atomos, que a morte entrega á natureza.

Nem vou com o fervor das almas piedosas
Rogar por ti a Deus na sombra d'algum templo;
Teu sangue vae correr nas petalas das rosas,
E a alma humana tem a eternidade—exemplo!

Tua lembrança sempre eu hei de conserval-a,
Em intimo sacrario, e virgem, sempre e nova,
Ao som d'essas canções, com que o oceano emballa
Em notas de tristeza a tua estreita cova!

Á tarde, olhando o mar, o nosso velho amigo,
Presinto o prepassar do teu vestido branco;
E ouço na sua voz como a fallar comigo
Teu coração ingenuo e como o d'elle franco.

Então, ao recordar a nossa alegre infancia,
E os dias bons d'amor da nossa mocidade,
Exala a flor da morte a mystica fragrancia,
E em astros se desfia o pranto da saudade!...

E, se a arena da vida a nossos pés se estende,
Por entre o bem e o mal, as luctas e os martyrios,
Eu sinto que em meu seio o teu amor desprende
Um oceano de força, oh casta irmã dos lyrios!

O amor! o templo onde eu me refugio e occulto
Entre as pombas da fé e as aguas das esperanças,
Sacrario onde eu elevo o mysterioso culto
Das almas virginaes dos bons e das creanças!

COELHO DE CARVALHO.

DUAS PAGINAS DA HISTORIA PATRIA

(EXCERPTO DE UM LIVRO INEDITO) (a)

. . . .

O estado em que el-rei D. José e o marquez de Pombal acharam o paiz, e o retrato, que faziam d'elle os estranhos, que o visitavam, mostram com evidencia quão ruinosa, e futil, fôra a administração antecedente. O rei estava outra vez pobre, o reino pobrissimo, e, o que era peior, quasi incapaz de trilhar o caminho unico da sua regeneração. O ministro, tomando Sully, Richelieu e Colbert por modellos, ousou declarar a guerra aos abusos, levantar a luva, que a nobreza lhe arremeçava ao rosto, e consummar apoiado apenas no braço real, uma das mais atrevidas e extensas revoluções de que ha noticia entre nós, revolução feita pelo rei, ou em nome do rei, contra tudo o que até ahi dominára, usurpára, ou desfructára a terra, o governo, e as influencias sociaes. N'este duello succumbio a fidalguia vencida na pessoa dos seus chefes, succumbio a theocracia desarmada e proscripta na entidade até ahi omnipotente da companhia de Jesus, e succumbiram as antigas tradicções da dominação exclusiva das classes previlegiadas. O grande merecimento de D. José I foi, como o de Luiz XIII, conhecer, apreciar as circumstancias, e abdicar no ministro voluntariamente, estendendo o sceptro para o cobrir, e alçando-o contra os que lhe resistiram.

O plano do marquez de Pombal era vasto e elevado, mas pecava pela base, e excedia as forças do poder empenhado na sua execução. Estribado na auctoridade soberana, propôz-se remoçar a monarchia, renovando-a em partes desde os fundamentos e associando-a inteiramente aos progressos physicos e moraes. Sedusido pela nobreza d'esta ideia, traçou com ousadia o risco da edificação, e suppoz no seu orgulho, que podia levantar o reino do abatimento e da apathia pela sua mão, como Lisboa, meio demolida pelo terramoto, resurgia das ruinas á sua voz. As reformas succederam-se, e os golpes de algumas desceram fundo. Mas o ministro, operario convicto da unidade monarchica, e homem do seu tempo, não queria nem sabia ferir senão aonde as excrecencias, ou as herpes accusavam maior intensidade nos males. As verdadeiras cousas não as vio, ou, se as notou, não cabia nos seus meios nem intenções destruil-as. Contentando-se com as promessas mentirosas das apparencias cuidou fundir em bronze o monumento, e não attendeu a que, obra de uma vontade poderosa, outra vontade viria depois negar-lhe as consequencias, ou afogar-lhe as esperanças no berço.

Despotico, duro, e inflexivel punia a opposição natural dos interesses como crime, e maculou de sangue as datas mais importantes do seu ministerio. A' semelhança de Richelieu foi um terrivel nivelador decepando as cabeças, que julgou tocadas da demencia de se quererem egualar com o throno. Sectario e imitador dos principios de Colbert sonhou converter o rei em providencia viva do paiz, e concebeu a falsa ideia de modificar profundamente todas as condicções da existencia civil, social e economica, moldando em decretos e alvarás os typos da civilisação, que a sua mente determinára, e que o seu arbitrio aspirava a inocular-lhe. Desejando fortalecer a classe media, regenerar a aristocracia, e reconstituir as relações do Estado com a egreja, não conseguio attrair o povo,alienou a nobreza, e, sem o imaginar, estreitando a alliança d'ella com o clero, preparou a reacção devota do reinado immediato.

O erro do ministro foi crêr, que o milagre da restauração moral e economica de uma nação podia sair da iniciativa de um só homem, e que o terror, e não persuação, devia ser o instrumento das transformações intentadas. Os maiores obstaculos dobraram-se ao mêdo, simularam ceder, mas não se eliminaram. A adulação enfeitou de suas côres a obediencia passiva. Os progressos nasceram pouco viaveis, por que vieram contrafeitos, e o zelo affectado, ou o servilismo official não supriram a cooperação efficaz de todos em uma reorganisação, que só podia ser duravel e solida se o povo, perfilhando-a, a fizesse sua. El-Rei D. José cerrou os olhos, o seu ministro espiou no desterro as suas grandes qualidades, e o abuso d'ellas, e apenas aquella mão robusta soltou dos dedos a alavanca, o movimento ficticio parou, o verniz postiço cahiu das faces lividas do enfermo, e em breves annos de tudo o que o marquez emprehendera só ficou a letra morta das Leis, a esterilidade das coisas, e a memoria do dictador audaz, mas pouco humano, que na soberba, talvez desculpavel de um generoso pensamento, concebêra a ideia arrojada de consummar uma revolução dos tempos modernos com o braço já cansado da monarchia absoluta, cujo rejuvenescimento cuidara alcançar, tornando-a reformadora das instituições e dos abusos de que uma serie de seculos de cumplicidade a haviam feito inseparavel?

O reinado de D. Maria I veiu demonstral-o. A um poder activo, severo, vigilante e previdente, seguiu-se um governo adormecido, fraco até nos odios, cheio de hesitações, e incapaz de continuar a obra do marquez de Pombal, ou de a prescrever, rasgando novas sendas. Composto de fidalgos sem pratica dos negocios, e obsecados pelos interesses de classe, o ministerio da rainha, no qual o voto de um frade pouco palaciano, e ainda menos instruido em rasão de estado, o arcebispo de Thessalonica D. Fr. Ignacio de S. Caetano, representava a opinião mais esclarecida e imparcial, obedecia a influencias encontradas, e a tendencias oppostas, enleiado em caprichos e irresoluções, e escravo de preconceitos futeis. Arrastado pelas paixões dos seus membros para a facção devota e para o gremio puritano da nobreza, era, comtudo, forçado a pactuar com a necessidade, e a conter as impaciencias proprias e as dos alliados. O processo intentado ao marquez de Pombal no seu desterro, a rehabilitação de alguns dos inimigos decedidos do ministro, a revisão da sentença dos reus justiçados por causa do attentado contra a vida de el-rei D. José, a suspensão de poucas leis do ultimo reinado e o esquecimento deliberado de muitas das maximas politicas, que o haviam engrandecido, revelaram os instinctos e as aspirações da reacção aulica e clerical, denunciando ao mesmo tempo a sua impotencia.

Poucos annos bastaram para lhe gastar as forças e cegar a malevolencia. A rainha sem vontade sua, vacillava combatida pelos escrupulos de uma consciencia timorata e retida pelo respeito da memoria de seu pae, cujos actos queriam os intrigantes a

(a) Este artigo é extrahido do 2.º volume da «Historia da População e da Agricultura» que o seu illustre auctor deixou inedito, e infelizmente tambem por acabar.

RAPHAEL. P. H. CABASSON. D. W. BROWN. S

OS CINCO SANTOS

condemnar estrondosamente. N'esta lucta offuscou-se-lhe o juizo, e o proprio D. João tomando as redeas do governo, abrio com a sua regencia um dos periodos mais agitados e calamitosos da nossa historia.

O governo de D. Maria I foi carecterisado pela moderação, inspirado pela indole benevola da soberana e pelas difficuldades, que os emulos e adversarios do marquez de Pombal encontraram logo que intentaram metter o camartello á destruição das suas reformas. Tinham lançado já raizes fortes muitas d'ellas, e defendiam outras classes numerosas, ou interesses poderosos. A gerencia da fazenda publica tão zelosa e aproveitada nos dias do ministro de el-rei D. José, e a direcção da politica externa, tão firme e cheia de dignidade, quando a regia, foram as duas provincias da administração em que a incapacidade dos seus successores se manifestou mais cedo, e a falta do grande ministro so tornou mais sensivel.

Sumiram-se as reservas metalicas do thesouro, e dissiparam-se os rendimentos do estado em gastos superfluos, em construcções inuteis, em tentativas levianas.

Perdeu-se de vista a norma esclarecida, que nas relações internacionaes, soubera conciliar as vantagens de allianças solidas com a independencia mais ciosa, conservando-se a corôa fiel á amisade das potencias, mas não acceitando a tutela, nem mesmo os conselhos de nenhuma. Pelo aspecto economico não peoraram tanto como se cuida as circumstancias. Germinaram ainda algumas das sementes, que o marquez de Pombal deixára, e deitaram-se outras de novo. A luz de fóra, avivada por uma grande tolerancia, principiou a penetrar a escuridão em que tinhamos vivido. Os bons livros traduziram-se e leram-se. Fundou-se a Academia real das sciencias. Crearam-se aulas e cursos especiaes. Protegeram-se as bôas artes. Dedicou-se aos progressos da agricultura maior cuidado, e escriptores distinctos consagraram aos estudos ruraes as vigilias e a penna. Houve n'esta epocha um certo impulso, um momento mais activo, e, se os resultados não corresponderam, como esperavam os iniciadores, é porque na esphera pratica dos melhoramentos physicos as lições vivas dos exemplos podem mais do que as theorias, e porque para plantar com exito se carecia primeiro de desbravar a terra dos espinhos que a afogavam.

Poucos soberanos terão sido tão infelizes no governo com D. João VI. Tudo pareceu conspirar para lhe agravar os obstaculos, e condensar as tempestades, que por toda a parte, e sem interrupção sobresaltaram o seu reinado. Guerras e invasões, exterminio dos subditos, enredos palacianos, conjurações liberaes e absolutistas, crises repetidas de fazenda, variações politicas profundas e incessantes inquietaram sem repouso o rei, que mais amava o socego e a tranquilidade, e que nascêra menos prendado das qualidades energicas exigidas pela subversão dos tempos, e pelo imperioso das circumstancias. Fraco de animo, solipsista e irresoluto, porem menos credulo e facil do que aparentava, desconfiado, zeloso da auctoridade, penetrante sob a mascara da rudesa intellectual, D. João via mais e mais depressa, do que os homens, que se julgavam senhores da sua vontade, e conhecia melhor o estado das coisas na Europa e no reino, do que elles cuidavam. A indolencia, a apathia, e o egoismo é que o manietavam, e muitas vezes tambem o medo. A finura natural de seu espirito descubria o segredo dos interesses e das paixões, mas capitulava quasi sempre com elles receioso de suscitar conflictos, ou de engrossar resistencias.

Estes defeitos, funestos em todas as epochas, em todos os regimens, tornaram-se funestissimos em um periodo, em que o principe revestido do poder absoluto, devia e precisava ser a alma, a vontade, e o braço de todas as resoluções. Os resultados não se demoraram em provar, que na realidade faltava á monarchia uma cabeça digna de a encaminhar. Os ministros não valiam mais, de que o soberano, e divididos entre si, recebiam como oraculo, as inspirações das côrtes estrangeiras. A revolução franceza de 1789, a dictadura de Robespierre e do terror, o consulado e o imperio de Napoleão, mudavam a face do mundo, fariam desabar uma apoz outra todas as instituições caducas, e só Portugal, adormecido á beira do precipicio, não sentia tremer a terra debaixo dos pés, e não ouvia os rugidos do vulcão, cujas convulsões logo depois haviam de sacudir o solo, até então immovel da peninsula iberica.

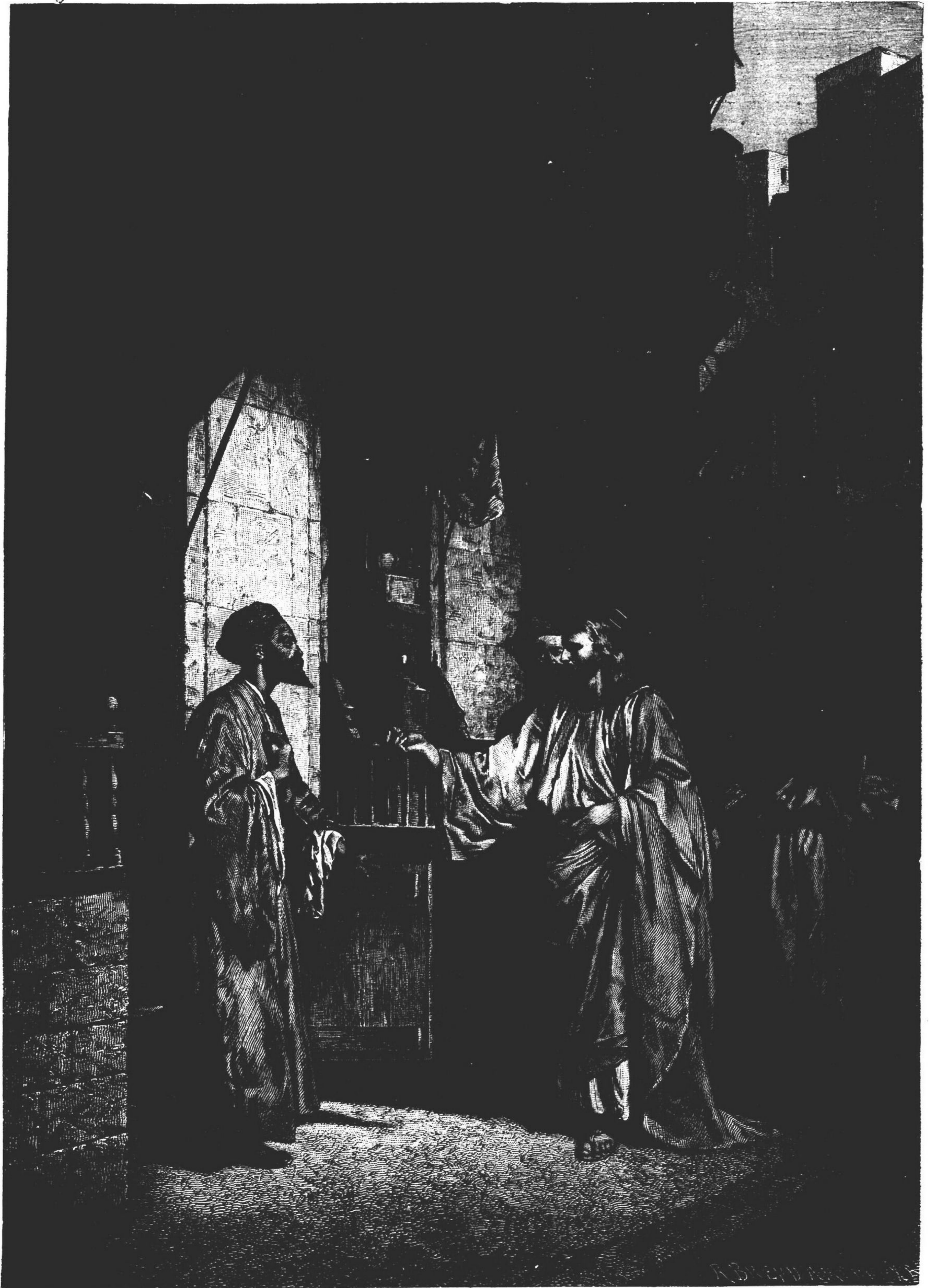
Quando dispertou viu apontadas ao peito as bayonetas dos conquistadores, e o rei, tranzido de pavor, com a sombra das azas da aguia imperial já sobre a corôa, atravessou os mares como fugitivo, e foi buscar á terra da America o asylo que a Europa lhe negára. Seguiu-se a occupação estrangeira, a lucta da independencia, e por fim a victoria dos povos opprimidos. Napoleão cahiu, os thronos arrasados por elle restauraram-se, mas na sua passagem os exercitos do segundo Cesar tinham rasgado sulcos muito fundos e depositado n'elles as idéas proclamadas em 1789. O clarão d'aquelle grande incendio rompera as trevas; o terramoto d'aquella immensa animação accordára os mais apathicos; e quando a vaga da invasão se recolheu ao leito de entre as ruinas de tantos annos de pelejas e anciedades, começaram a brotar as esperanças da emancipação politica, consequencia natural do triumpho glorioso das immunidades nacionaes.

A Italia e a Hespanha levantavam os primeiros estandartes. Comprimidos, mas não convencidos, renovaram em 1820 as tentativas, e Portugal seguiu-as d'esta vez. São geralmente sabidas as causas que malograram o estabelecimento do governo representativo nas duas peninsulas, e que asseguraram á santa alliança o silencio forçado dos povos. Melhor fôra para ella e para a causa da civilisação, que, em vez de pôr todo o empenho em manter o principio do direito divino, e da austeridade absoluta, tivesse sabido moderar os excessos, e estendendo a mão com sinceridade ao futuro, que não podia dominar, firmasse o pacto dos reis com os subditos á sombra de uma confiança reciproca. Preferiu a reacção a todo o transe, e colhemos hoje os fructos amargosos d'ella.

A reunião do congresso nacional em uma das salas do palacio das Necessidades foi saudada como o raiar de uma verdadeira aurora de regeneração pelo povo. A revolução de agosto de 1820, feita em nome dos justos aggravos do reino, promettera restituir-lhe tudo o que perdera, e na hora das illusões a promessa passou por um facto consumado. Começaram logo depois os desenganos, e os legisladores, mais theoricos, do que praticos, consumiram em discursos declamatorios, e em ideologias o tempo precioso que á acção devia ter aproveitado. Denunciaram e assentaram os abusos sem os desarmar, alienaram a nobreza, fizeram do clero um inimigo irreconciliavel, e não crearam um só interesse valioso, que podesse servir de escudo á sua constituição exageradamente democratica. Succedeu o que era de prever. El-Rei voltou do Brazil. Colligaram-se contra as côrtes ordinarias os fidalgos, os conventos, as sachristias e os previlegiados, e a rainha D. Carlota Joaquina declarou-se em favor da reacção. A obra fragil e sem alicerces veiu a terra com o primeiro abalo; D. João VI correu a Villa Franca tambem para não cahir com ella; e o governo de 1823 acclamou os direitos inauferiveis da realeza, e a restauração do passado. As conspirações do partido exaltado absolutista, mais que tudo a tentativa ousada de 1824, provaram que os seus planos iam mais longe, do que as palavras, e que a abdicação do soberano, e a regencia da rainha eram o alvo secreto a que apontavam. A morte de D. João VI em 1826, a regencia de sua filha a infanta D. Izabel Maria, e a outhorga da carta por D. Pedro, encerra aquella epocha sempre cortada de vicissitudes, e de inquietações

Os successos que tornaram tão notavel o que se lhe seguiu tocam quasi os nossos dias, e estão vivos na lembrança de todos. Inutil seria pois rememoral-os. A invasão de 1828, e as violencias que a acompanharam, arrojaram para o exilio milhares de homens fieis ao juramento prestado á rainha D. Maria II, e ao codigo de 1826.

Nos rochedos da ilha Terceira tremulou a sua bandeira, defendida por um punhado de soldados, e victoriosa das expedições enviadas para a derrubar. O imperador D. Pedro abdicando no Brazil a segunda corôa, passou á Europa, e a empresa de restaurar o throno de sua filha, representou-se-lhe um feito nobre, em tudo proprio do seu animo intrepido. A revolução de julho de 1830 expulsando da França o ramo primogenito da familia Bourbon, favoreceu os seus designios, e a opinião publica da Inglaterra não se lhe mostrou menos auspiciosa. Homem de acção e de poderosa vontade D. Pedro obrou prodigios para organisar um exercito e uma esquadra. Saltou nas praias do Mindello, entrou no Porto, e das suas trincheiras mal armadas combateu com todos os flagellos conjurados, a fome, a epidemia, a falta de munições, e a falta de tropas. A victoria correu-lhe, suas armas triumpharam, e a convenção de Evora Monte pôz termo aos estragos da guerra civil. A sua carreira póde dizer-se que terminou com ella. Abertas as côrtes, e affiançada a existencia da liberdade, o soldado heroico cerrou os olhos desfallecidó pelos trabalhos da lucta. Deixava todas as promessa cumpridas, e legava na sua legislação, não menos audaz e decisiva, do que o fôra a sua espada, o seguro penhor, de que se o passado, se alentasse outra vez contra a constituição, acharia deante de si a união dos grandes interesses creados em nome d'elle. A revolução economica e social dera as mãos á revolução politica, e os decretos de Mousinho da Silveira, revolvendo pelas bases as instituições, haviam transfigurado o paiz, e tornado impossivel a restauração do antigo regimen.

N'este largo cyclo de perto de dois seculos, tres periodos principaes avultam pela sua importancia no estudo da população e da agricultura do paiz. Abraça o primeiro a epocha decorrida desde a acclamação de D. João IV até ao fim do governo de D. João V, e comprehende, além dos successos da guerra da restauração, e da guerra da succesão da corôa de Hespanha, o longo e faustuoso reinado do fundador de Mafra. Abrange o segundo desde 1750 até 1777, o reinado de el-rei D. José, e encerra as providencias do ministerio do marquez de Pombal, providencias que assignalaram uma acção vivificante não só na esphera politica e na legislação civil, mas em todas as provincias da economia publica, industrial, e agricola. Finalmente, o terceiro, o mais instructivo e fecundo de todos, começa com a queda do marquez de Pombal, acompanhada de rapidas e profundas transformações operadas na França e na Europa pela revolução de 1799, e pelas victorias e conquistas do imperio, assiste aos primeiros e incertos passos da liberdade, nas duas peninsulas italiana e iberica, vê-a desmaiar e succumbir suffocada pelos esfor-

DAE A CESAR O QUE É DE CESAR, E A DEUS O QUE É DE DEUS

ços da santa-alliança, e onze annos depois contempla-a renascida, erguendo-se na Hespanha e Portugal, ao relampejar dos canhões, coroada das palmas das batalhas.

Debuxámos em traços fugitivos, como a brevidade do quadro consentiu, a physionomia geral de cada um dos reinados, e as feições proeminentes de cada uma das epochas. Cumpre entrarmos agora mais detidamente no exame do assumpto, que nos proposémos, e indagarmos o estado da agricultura, as causas dos seus progressos, ou do seu atraso, a influencia da legislação e das instituições sobre ella, e a posição das classes ruraes comparadas com os outros elementos da população.

Os subsidios de que nos podemos valer são escassos e deficientes. Foge, ou falta muitas vezes a luz ao observador, e o tempo apagou em grande parte as paginas mais curiosas do livro da vida, a economica e social, mas assim mesmo ainda é possivel reconstruir alguns lanços, conjecturar por elles e pelas ruinas, que sobrevivem, o que seria todo o edificio. Os historiadores, minuciosos na descripção das batalhas, das embaixadas, e das scenas da côrte, julgar-se-iam humilhados, amesquinhando a penna á noticia, mais do que modesta, a seu ver, do viver, sentir e crêr do povo, e muito mais á pintura da existencia e dos costumes agricolas, e ás apreciações da sorte do cultivador e das rasões da sua miseria. Os campos idealisados pertenciam aos poetas bucolicos. A musa da historia reputar-se-ia exautorada se baixasse á choupana do homem de trabalho, passando com suprema indifferença pelas terras dos lavradores, oneradas de encargos, só tinha olhos e vozes para celebrar as prosperidades dos que se engrandeciam com o fructo das suas fadigas.

L. A. Rebello da Silva.

A CARTA DO JOÃOSITO

(DE PAUL FÉVAL)

Joãosito contava seis annos. Tinha as calças rasgadas em ambos os joelhos; os cabellos loiros e ondeados, tão espessos e abundantes, que se poderia com elles fazer dois penteados de senhora; os olhos grandes, azues, que tentavam ás vezes sorrir, comquanto tivessem já chorado bastante; uma jaquetinha muito bem feita, toda esfarrapada; uma botina velha, de mulher, no pé direito, um sapato de homem no pé esquerdo, muito comprido, muito largo e muito roto, com a biqueira aberta, e sem tacões. N'aquelle corpinho havia frio e fome, pois desde a vespera pela manhã que não comia, e era uma tarde de inverno, quando lhe veio ao pensamento escrever uma carta á Virgem Santissima.

Cumpre-nos dizer agora como é que o Joãosito escreveu a carta, não sabendo ler, nem escrever.

Em Paris, no bairro do Gros-Caillou, á esquina de uma rua, perto da esplanada dos Invalidos, havia uma barraca de escrivão publico. N'esta especie de secretaria era costume fazer-se toda a qualidade de supplicas, memoriaes e requerimentos, quer os governos se componham de um rei, de um imperador, ou de um presidente. O redactor era um velho soldado de mau humor, bom homem, não tendo nada de beato nem de rico, e que, infelizmente, não ficara bem estropiado para ser admittido no palacio dos Invalidos.

O Joãosito não fez mais do que isto: viu-o atravez dos vidros empoeirados da barraca, a fumar no cachimbo, á espera dos freguezes. Entrou e disse:

—Bons dias! venho cá para me escrever uma carta.

—Custa meio franco, respondeu o tio Buan.

E' preciso saber-se que este bravo que continha em si a centesima millesima parte da gloria de um marechal de França, chamava-se o tio Buan. O Joãosito, como não tinha bonet, não o pôde tirar, mas disse com delicadeza:

—Então, desculpe.

E abriu a porta para se ir embora, mas o tio Buan engraçou com elle e perguntou-lhe:

—E's filho de militar, rapaz?

—Nada, respondeu Joãosito, sou filho da mamã, que ficou sósinha.

—Esta bem, proseguio o escrivão, isso já eu sabia! E não tens meio franco?

—Nada, não, não tenho dinheiro nenhum.

—A tua mãe tambem não? está claro: queres uma carta, para ver se te dão alguma cousa para comer, não é assim, pequeno?

—Exactamente, respondeu João.

—Approxima-te. Por escrever dez linhas e por gastar de uma folha de papel, nem por isso ficarei mais pobre.

João obedeceu. O tio Buan endireitou o papel, molhou a penna no tinteiro, e com uma bonita lettra de quartel-mestre, escreveu: «Pariz, 17 de Janeiro de 1857.»

Depois, mais abaixo, em outra linha:

«Senhor...» Como se chama elle?

—Quem? perguntou João.

—Ora quem? o tal sujeito.

—Qual sujeito?

—O tal, a quem queres pedir.

João, desta vez, comprehendeu, respondendo:

—Não é um sujeito.

—Bom!... então é senhora?

—E'... não, não é.. eu lhe digo ..

—Com a breca! pois tu nem ao menos sabes a quem queres escrever?

— Ah! sei! disse a creança.

—Então, avia-te, dize lá.

O Joãosito estava muito corado! E' verdade que não é lá muito agradavel dirigir-se a gente a um escrivão publico para uma correspondencia d'estas. Encheu-se de coragem e disse:

—E' á virgem Santissima que eu quero mandar uma carta.

O tio Buan não riu. Poz a penna em cima da mesa e tirou o cachimbo da bocca.

—O' garoto, disse com severidade, não posso crer que te lembres de zombar d'um velho. Ainda és muito pequeno para que eu te bata. Toca, meia volta á direita! Trata de te pores ao fresco!

O Joãosito obedeceu e voltou-se para a porta; mas, ao vel-o tão docil, o tio Buan mudou de resolução pela segunda vez, e poz-se a olhar para elle.

—Com mil demonios! Muita miseria ha n'esta Paris!... como te chamas tu, pequeno?

—João.

—João, e que mais?

—Mais nada.

O tio Buan sentio humedecerem-se-lhe os olhos, mas encolheu os hombros.

—E que queres tu dizer á Virgem Santissima?

—Quero dizer-lhe que a mamã está a dormir desde hontem á tarde, ás quatro horas, e que me faça o favor de a acordar, porque eu não posso.

O velho soldado sentio comprimir-se-lhe o coração e receiou comprehender. Apesar d'isso, continuou a perguntar:

—Porque fallavas tu ha pouco em comer?

—E' porque é preciso, respondeu a creança. A mamã tinha-me dado o ultimo bocado de pão antes de adormecer.

—E ella o que comeu?

—Havia já dois dias que dizia: «Não tenho fome.»

— Como fizeste para a acordar?

— Como faço sempre, beijei-a.

— Respirava?

João sorriu. O sorriso tornava-o formosissimo.

—Eu cá não sei; então a gente não respira sempre?

O tio Buan voltou a cara. Duas grossas lagrimas lhe cahiram pelas faces. Não respondeu á pergunta do pequeno e disse-lhe com a voz um pouco tremula:

—Quando a beijaste, não notaste nada?

— Notei... Estava fria. Faz tanto frio lá em casa...

—E ella tremia, não é assim?

— Nada, não... Estava linda, linda! As mãos, alvas de neve, não mexiam, estavam cruzadas sobre o peito! Tinha a cabeça deitada para traz, fóra do travesseiro quasi, de modo que, com os olhos meio fechados, parecia estar a olhar para o céo.

O tio Buan meditava:

— Invejei eu os ricos, eu, que tenho tido que comer e que beber... E esta morreu de fome!... de fome!

Chamou a si creança, assentou-a no collo e disse-lhe com doçura:

—A tua carta, meu pequeno, já está escripta, enviada e recebida. Leva-me á tua casa.

— Levo, levo, mas porque é que está a chorar? perguntou João, admirado.

—Não estou a chorar, respondeu o velho soldado, abraçando o pequeno quanto podia e inundando-o de lagrimas; então um homem chora lá! Tu é que vaes chorar, Joãosito, querido pequeno! Amo-te mais do que se fosse teu pai!... Olha cá: eu tambem tinha mãe... Ha já muito tempo, com certeza! parece-me estar a vel-a, deitada na cama, a dizer-me quando parti: «Buan, sê honrado e bom christão.» A imagem da Virgem, que alli estava presente, parecia sorrir-me: eu amava aquella imagem; dir-se-hia que ella acaba de me entrar no coração.

Quanto a ser honrado, tenho-o sido, mas lá bom christão, isso é que...

Levantou-se, conservando sempre a creança nos braços, e accrescentou, como se fallasse com alguem, que não estava alli:

—Mãe, minha boa mãe, deves estar satisfeita. Os amigos podem zombar, á vontade. Quero ir aonde tu estás; levar-te o pequeno, pobre anjo, que nunca largarei, porque a tal carta que nem sequer se escreveu, não deixou por isso de produzir dobrado effeito; a elle deu-lhe um pae; a mim um coração!

Nautilus.

A FELICIDADE NO GUARDANAPO

Dirigiram-se todos para a casa de jantar.

O sr. de Rivaray, que conduzia pelo braço a formosa marqueza, ficou muito contrariado ao notar que o seu logar era longe do da dona da casa. Mas qual não foi o espanto do bello Rivaray, do irresistivel fascinador de corações femininos, ao ver ao seu lado a menina Yvonne Préval, uma rapariga sem importancia, que elle conhecia apenas de vista!

A marqueza fitou Yvonne, com as sobrancelhas contraidas, e fez um signal de intelligencia a Rivaray, significando-lhe que o *maitre d'hôtel* se enganára e que d'esse engano resultara a sua pouco attrahente visinhança.

Mademoiselle Préval, muito perturbada ao ver-se no meio da meza, quando costumava ficar em uma das extremidades, como succede a todas as meninas sem dote, surprehendeu o gesto da dona da casa, e córada como uma papoula, baixou a cabeça.

O jantar era magnifico e excellentemente organisado; a prata brilhava atravez das azaleas e das flores raras; o exercito dos copos estava perfilado em columna cerrada; os corpetes, os collos, os diamantes, os estofos argentados, as pedras preciosas scintillavam sob a luz branca dos lustres e dos candelabros; um delicioso murmurio evolava-se da bacharelice feminina, da prata percutida, dos pratos que se tocavam, dos copos nos quaes o vinho deslisava com um ruido de flauta.

Toda a gente estava á vontade; todos esses *blasés*, vivendo de luxo e de goso, respiravam alli, n'esse ambiente de refinamentos elegantes, a atmosphera que lhes era propria; as conversações partiam sem esforço, como os cavallos que conhecem de antemão o caminho: o romance novo, o theatro, a musica, o ministerio, faziam *chaine ang'aise* com a politica, os negocios e o crime da moda.

*

O sr. de Rivaray comprehende que é preciso dizer alguma cousa á sua visinha.

—Gosta de gallinhola, minha senhora?

—Muito.

—Viu a *Sapho*?

—Não vi.

Yvonne encarou com Rivaray, surprehendida, e nos seus grandes olhos pardos passou um fulgor de malicia.

—Sinto o maior prazer, minha senhora, tendo-a por visinha; não esperava de certo...

Yvonne desatou a rir, e riu tão alto que todos olharam para ella

Rivaray, não percebendo nada, quiz saber o que provocára a gargalhada de Yvonne.

Esta volveu, sem deixar de rir:

—O sr. está contrariadissimo com a minha visinhança; a sr.ª de V. acaba de fazer-lhe signal de que não foi por sua culpa.

—E' verdade, retorquiu Rivaray, com sinceridade, mas é porque ainda não a tinha visto; agora, estou encantado.

Ella córou e não respondeu.

Elle contemplava-a. O seu vestido branco, muito simples, desenhava-lhe os bonitos hombros franzinos; a cabeça pequenina, de um fino oval, era illuminada por dois olhos pardos, que ao clarão das luzes pareciam estriados de oiro; os braços, ainda infantis, tinham gestos cheios de graça, e a bôca risonha esboçava, por vezes, uma expressão grave, quasi triste.

A meza, tão correcta, animava-se. As mulheres humedeciam os labios no champagne; os rapazes contavam historias, velando-as discretamente; os academicos faziam caretas risonhas, arredondando as phrases; os olhares sem brilho animavam-se, e um ministro de cabeça decorativa, inclinava-se sob os lustres, mostrando o cordão vermelho e as grã-cruzes, que lhe imprimiam um aspecto magestoso.

—Sua mãe está aqui, minha senhora? perguntou o sr. de Rivaray.

—Não tenho mãe, sr. de Rivaray, vim com minha avó, aquella senhora edosa que está assentada entre o general e o tabellião.

Os olhos pardos acompanharam essas palavras de um fulgor tão bom e tão terno, que Rivaray sentiu-se encantado.

Não tardou que ambos conversassem como velhos amigos; Yvonne confessava que não gostava do ruido da sociedade; adorava sua avó e sentia-se feliz junto d'ella.

—Mas é provavel que se case...

Ella teve um riso de creança, um claro riso, limpido e franco.

—Aquelle que se lembrar de pedir-me, fará um bom negocio; é verdade que possuo este vestido, que sendo branco, póde servir no dia do meu casamento. Ah! é verdade, tambem sou prendada; a avósinha assegura que sei fazer doces e não toco piano, o que é uma recommendação em meu favor.

Rivaray sentia-se attrahido pela graça e pela ausencia de coquetterie d'essa creança. Yvonne dizia tudo simplesmente, sem pretenções; era tão moça que o riso accudia-lhe facilmente aos labios, e n'essa conversa amigavel com esse bello fidalgo que já não lhe fazia medo, a menina expandia-se como as florinhas que um raio de sol vae arrancar á folhagem onde se occultam, desdobrando-lhes as petalas.

*

A dona da casa deu o signal e todos se levantaram, em uma certa confusão: a marqueza esperava pelo braço de Rivaray.

O mancebo que conduzira Yvonne, offerece, distraido, o braço á sua visinha da esquerda. Os olhos de mademoiselle Préval e os de Rivaray encontram-se, e de subito, nos olhos pardos da Yvonne desenha-se a perturbação e a inquietação...

Rivaray colloca docemente o braço de Yvonne no seu e passa em frente da marqueza, que sorri desdenhosamente, voltando a cabeça.

Durante o café, segreda-se muito; o incidente não passou desapercebido; conhecia-se o caracter altivo da marqueza, cuja ligação com Rivaray não era um segredo para ninguem. Tornava-se evidente para todos que ella não deixaria de vingar-se da pequena Yvonne; mas tambem, qual era a rasão porque essa pobre rapariga obscura se atrevia a concorrer com a *grande dame*?

—Sim, dizia a marqueza, quero que a minha festa seja esplendida, terei muita gente... Depois, de repente, voltando-se para Yvonne, que folheava um album ao canto da meza, acrescentou graciosamente:—Espero que mademoiselle Préval não nos recusará o prazer da sua presença, e que nos permittirá gosar a companhia do sr. de Rivaray; já sei o costume d'aquelle senhor; durante as suas luas de mel, não quer ver ninguem...

Fez-se na sala um d'esses terriveis silencios que precedem as catastrophes. As mulheres palpitavam, os homens tinham gestos indignados.

Yvonne de pé, direita, pallida como uma morta, comprehendia apenas que acabava de ser insultada; os pobres olhos pardos, desmedidamente abertos, cavavam-se lentamente sob uma expressão de angustia dilacerante. Elles contemplavam essas mundanas com um espanto dolorosamente interrogador; na sala immediata ouvia-se rir a avó, que jogava com o general.

Todos os olhares voltaram-se para Rivaray, que permanecia de pé, encostado ao fogão. Rivaray mostrava-se tão pallido como Yvonne, mas sorria; o elegante, disputado na alta sociedade de Paris, atravessou a sala, sem olhar para ninguem, e foi ajoelhar diante da pobre menina.

—Mademoiselle Préval, disse em voz alta, acceite o convite da marqueza e permitta-me que lhe traga a baroneza de Rivaray.

E foi assim que esse endiabrado homem achou a felicidade nas dobras do guardanapo!

JEANNE THILDA.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. NARCISO MARTINEZ IZQUIERDO

(Bispo de Madrid, assassinado no Domingo de Ramos

Nascera este illustre prelado de Hespanha a 29 de outubro de 1831, em Rueda, provincia de Guadalajara, e seguira a sua carreira scientifica e litteraria no seminario de Siguenza e na universidade de Madrid, até obter os graus de doutor em theologia e canones e de licenciado em philosophia e lettras.

Em 1871, depois de ter exercido successivamente os cargos de professor do seminario de Siguenza e de reitor do seminario de Granada, foi eleito deputado ás côrtes pelo districto de Molina de Aragão, pronunciando o seu primeiro discurso parlamentar no famoso debate sobre a *Internacional*.

Em 1873 foi apresentado pelo governo republicano, a que presidia o sr. Castellar, na egreja e diocese de Salamanca, sendo preconisado por Pio IX no consistorio de 2 de janeiro de 1874 e consagrado em 31 de egual mez do anno seguinte. Poucos dias depois tomou posse do seu bispado e entrava na capital da referida diocese.

Eleito senador nas primeiras côrtes do reinado de D. Affonso XII, e posteriormente nas de 1881, pronunciou na camara discursos muito notaveis e brilhantes contra o projecto do casamento civil, e ácerca da instrucção publica e da profanação do sepulchro de Pio IX.

A sua entrada procissional em Madrid, no dia 2 de agosto de 1885, como bispo d'aquella diocese, foi solemnissima. Todas as confrarias da capital, com as respectivas insignias e estandartes, e todos os membros do clero, de sobrepeliz e com as cruzes parochiaes, acompanharam procissionalmente o illustre prelado, desde a egreja de Santa Maria até á cathedral de Santo Izidro. A municipalidade e a deputação provincial, com os seus maceiros, seguidos d'um piquete de guardas e d'um coche da cas

A PEIXEIRA BRETA

real, contribuiram para dar solemnidade áquelle acto, novo e desusado para os madrilenos.

O sr. D. Martinez Izquierdo era um prelado virtuoso, caritativo e doutissimo, muito apreciado em toda a Hespanha pelos seus notaveis talentos de theologo e de philosopho, e pelas raras prendas do seu caracter bondoso e integro.

*

O assassino de D. Narciso Izquierdo, é um padre chamado Caetano Galeote y Cotilla; tem approximadamente quarenta annos e nasceu em Velez-Malaga. Exerceu por alguns annos o seu ministerio fóra de Madrid, e esteve depois n'aquella capital, ao serviço da egreja del Cristo de la Salud, onde dizia todos os dias missa. O prior d'esta egreja tirára-lhe ha tempo a capellania, e Galeote ficou completamente desprovido de meios de subsistencia.

Attribue-se a esta miseria o nefando crime que praticou.

OS CINCO SANTOS

Este bello quadro de Raphael Sanzio, foi pintado em 1505, em Peruggia, para os benedictinos de S. Severo. E' um dos seus melhores trabalhos.

A arte do gravador tem por tal fórma popularisado esta compoosição do celebre artista, que julgamos ocioso descrevel-a.

DAE A CESAR O QUE É DE CESAR, E A DEUS O QUE É DE DEUS

Uma grandesa no assumpto, um primor na execução!

O principio fundamental da verdadeira justiça, a idéa inicial da liberdade que assenta sobre o direito e a rasão, acham-se representados na gravura que temos á vista.

Uma bellesa artistica a emoldurar uma bellesa social.

Formosissimo pensamento!

. . . .

«E lhe enviaram alguns dos Phariseus e dos Gerodianos, para que o apanhassem no que fallasse.

«Elles vindo lhe dizem:—Mestre, sabemos que és homem verdadeiro, e que não attendes a respeitos humanos; porque não olhas os homens pela apparencia, mas ensinas o caminho de Deus, segundo a verdade: é nos permittido dar o tributo a Cesar, ou não lh'o devemos dar?

«Jesus, conhecendo a sua hypocrisia, respondeu-lhes:—Porque me tentaes? Dae-me cá um dinheiro para o ver.

«E elles lh'o trouxeram. Então lhes perguntou Jesus:—De quem é esta imagem e inscripção? Responderam-lhe elles:—De Cesar.

«E respondendo Jesus, lhes disse:—Pois dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.»

Eis a explicação do quadro.

Lá está a figura sympathica e insinuante do Nazareno, no momento de tomar na mão o dinheiro que lhe apresentavam.

Aquella formosa cabeça, onde floria sempre a inspiração de um talento unico, como do coração sempre lhe brotavam sentimentos de paz e amor, dezenha-se na gravura, tranquilla, serena, com o olhar limpido e claro como a consciencia que n'elle vem espelhar-se. E' altiva, sem ser orgulhosa; tem a expressão da candura sem um laivo de fraqueza; nobre, attrahente, excepcional.

N'aquellas simples palavras:—*Pois dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus*—que germen de liberdade para o mundo não prégava o maior homem que o mundo tem conhecido!

A independencia reciproca do poder temporal e do poder espiritual era evangelisada na phrase conceituosa do divino mestre, que, como diz Santo Anselmo, nada ama tanto como a liberdade da sua egreja.

Se a egreja, porém, não póde ser livre senão no seio da liberdade geral; se unicamente sob a garantia da liberdade commum ella póde existir independente, tambem só na sociedade da liberdade do catholicismo com a liberdade publica se traduz um progresso real.

E esse grande vulto, que viera apostolar entre a humanidade as mais sãs theorias e as mais fecundas idéas, dizia-o aos que insidiosamente tinham ido consultal-o, e que nessa gravura synthetisa na figura, esbelta sim, mas o que quer que seja de retrahida e traiçoeira, d'aquelle que está cravando o olhar na physionomia placida do mestre dos mestres.

Não esperava de certo a resposta do Nazareno, e de pasmo ergueu a fronte, pela qual perpassam talvez n'aquelle instante pensamentos odiosos.

A expressão de seus olhares contrasta singularmente com a suavissima brandura da outra physionomia; ao fundo do quadro alguns se encaram, tambem tomados de admiração, parecendo commentar as sabias palavras que ouviram proferir.

Está apropriada á grandeza do assumpto a opulencia da composição. Tem severidade consoante os personagens que o author nos apresenta e a lição momentosa ensinada ha muitos seculos.

E' um bello desenho e um conceito de quilate superior.

A PEIXEIRA BRETA

Quadro de Leon Olivié

Não é facil imaginar uma pintura mais francamente executada do que esta de Leon Olivié e que figurou ha tempos na exposição de Paris.

Pela nossa gravura, reproducção do quadro, póde ajuizar-se o merecimento da obra.

A simplicidade d'aquella attitude, as rugas das mãos e do semblante, a aspereza d'aquelles pés nus e cheios de pregas, o cachimbo de barro suspenso da bocca desdentada da velha bretã, tudo foi executado ao vivo e estudado com a mais escrupulosa attenção.

Os accessorios completam o quadro; camarões, lagostas e caranguejos, são tambem reproduzidos com a mais rigorosa exactidão, tendo porém o artista o cuidado de os deixar a meia tinta, afim de concentrar todo o effeito no unico personagem do quadro.

Não é o gosto pelo repugnante que domina na obra de Olivié, mas a investigação da verdade humana, na mais expressiva sinceridade.

A INFANTA D. EULALIA

A infanta D. Maria Eulalia de Bourbon, recentemente casada em Madrid com o infante D. Antonio, filho dos duques de Montpensier, nasceu a 12 de fevereiro de 1864, e é a irmã mais nova do malogrado rei de Hespanha, Affonso XII.

Ainda creança, quando os acontecimentos politicos obrigaram a rainha Isabel a deixar aquelle paiz, foi, como suas irmãs, as infantas D. Pilar e D. Paz, para um recolhimento do Sacré-Cœur, onde, como quaesquer outras educandas, fizeram a sua educação.

Não havia para ellas distincções algumas, como as não houve em Austria para D. Affonso, no collegio em que foi educado.

Assim é que, tanto D. Eulalia como a infanta D. Paz, conservam ainda as suas antigas amigas de convento, que encontram nas princezas o mesmo affecto de boas e leaes companheiras.

O que o retrato possa dizer da sua belleza, não o póde da sympathia e attração que em todos produz a sua physionomia. A viveza do olhar, a doçura da expressão, o sorriso e o *cariño* com que a todos acolhe, juntos a um porte de princeza, da mais alta elegancia, deixam em duvida se se está em presença de uma princeza de Hespanha, ou da antiga educanda do Sacré-Cœur.

A infanta D. Eulalia teve a mais esmerada das educações; pinta admiravelmente, e é uma aguarellista distincta, talento este de que, não poucas vezes, utilisam as obras de caridade, para as quaes nunca nega, além da esmola pecuniaria, o seu trabalho.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Fóra do commum é raro—2—5.
Na musica, pela quaresma, é mentira—1—2.
Esta especie de appellido é liberal—3—1.

Redondo. MANUEL CUSTODIO RAMOS.

O limite d'esta sciencia falta á verdade, fallando subtilmente—2—3—2.
Este fructo com esta ave, é ave—2—2.

Cartaxo. T. R.

Aqui, este numero e esta nota formam um nome—1—1—1.

MANUEL DE SOUSA.

Esta lettra e este signal é esquiva—1—2.

PILOTO.

Esta p'anta não existe para refresco—2—2.

CIROGRÓ.

EM VERSO

A esta reunião
Não póde ir toda a gente;—3
Mas aquella que lá foi,
Julgo que vinha contente.—2
No meu todo, tres palavras
Tu podes bem encontrar;
Se julgas que é um enigma,
Eu t'o vou já decifrar.
Carrega na quarta syllaba,
E uma casa encontrarás;
Carregando na terceira,
Só um movel acharás.
Muda agora um *a* em *o*,
E certo emprego terás.
Combina tudo, leitora,
Que não te engano verás.

Logogriphos

(Por lettras)

N'este templo, meu leitor,—6, 4, 9, 11
Vereis grande multidão—5, 11, 3, 4, 6, 4
Aonde reina a discordia,—4, 5, 6, 1, 9, 4
Pondo tudo em confusão,—5, 11, 7, 3, 11
Procura sempre enganar—2, 11, 8, 8, 1, 5, 6, 4
Dos Gallos a divindade—1, 2, 11
Este mui antigo rei,—4, 3, 8, 10, 2, 10, 11
Que jamais fallou verdade.—6, 4, 5, 2, 4, 8, 10, 11.

Todo o homem que assim fôr,
E' malvado, sim, senhor.

Faro. J. J. MACARIO DOS SANTOS

Divindade fabulosa—13, 3, 5, 12, 11, 6
Festas d'antiguidade—4, 11, 13, 3, 2, 13, 14
Divindade fabulosa—5, 12, 5, 13, 11, 12, 4
Festas d'antiguidade—14, 4, 3, 2, 13, 11, 4, 14
Divindade fabulosa—13, 3, 1, 2, 7, 10, 11
Festas d'antiguidade—9, 2, 3, 13, 5, 2, 14, 12, 4, 14
Divindade fabulosa—8, 2, 11, 13, 5, 2, 14.

Conceito:—Festas d'antiguidade

Ericeira. UM ASSIGNANTE.

Appellido—8, 11, 6, 5, 10, 7
Villa—1, 9, 8, 4, 6
Mulher—7, 2, 5, 10, 8
Appellido—1, 6, 3, 4, 8
Villa—2, 5, 1, 6, 3
Homem—11, 8, 1, 2, 9, 10, 6
Villa—11, 6, 10, 4, 8
Appellido—1, 8, 3, 4, 9, 6

Villa portugueza

Porto. M. M. & M.

Carta enigmatica

(Por lettras)

Amigo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Estou em completo estado de 2, 8, 7, 6, 5, 2, resultado das 2, 6, 2, 8, 9, 7, 3, febres palustres da 2, 3, 5, 2 occidental, que me apoquentaram 4, 10, 8, 3, 9, 2, 1, 9, 7, 6, 7, 1, 9, 7, durante a minha estada em 4, 2, 1, 4, 2, provincia de Bardez, onde estive 4, 10, 6, 10, encarregado da 7, 3, 9, 2, 9, 5, 3, 9, 5, 4, 2, do 4, 10, 1, 9, 5, 8, 7, 1, 9, 7, de Bounsulo. E como o doutor 6, 2, 9, 9, 10, 3, meu medico 2, 3, 3, 5, 3, 9, 7, 1, 9, 7 me disse 4, 10, 8, 3, 4, 5, 7, 1, 9, 7, 6, 7, 8, 9, 7, que não tinha cura, fiz 9 7, 3, 9, 2, 6, 7, 1, 9, 10, deixando ao meu 8, 7, 9, 10—2, 8, 9, 10, 1, 5, 10, que é um pouco 4, 7, 4, 7, 10, 3, 10, a minha 4, 2, 3, 2, 4, 2, que costumava levar á 6, 5, 3, 3, 2, ao Tinoco os instrumentos 2, 8, 2, 9, 10, 6, 5, 4, 10, 3, que comprei em 2, 6, 10, 8, 7, 6, provincia de Bicholim; á minha 9, 5, 2,—4, 10, 8, 3, 9, 2, 1, 4, 5, 2, a minha 6, 2, 8, 9, 2, que trouxe da 7, 3, 4, 10 4, 5, 2, ao 4, 10, 3, 6, 7, por 2, 8, 9, 10, 1, 10, 6, 2, 3, 5, 2, o 4, 10, 4, 10 um frasco de 2 6, 6 10, 8, 5, 2, 4, 10, e a ti, meu amigo, o restante dos meus bens, que são as 4, 5, 8, 4, 10, 7, 1, 9, 2, peças de 4, 2, 3, 3 2, os dois 6, 2, 8, 9, 10, 3, de 3, 7, 9, 5, 6, e os 4, 10, 3, 6, 7, 9, 5, 4, 10, 3 que me offereceu a tua prima 2, 1, 2, 3, 9, 2, 4, 5, 2. Ficas 4, 10, 8, 9, 7, 1, 9, 7.

Teu
3, 2, 8, 9, 10, 3.

Elvas. A. J. N. S.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Linguado—Panno—Bispo—Vertebrado—Sapo—Alfaro—Primorosa.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Macabra - Heraclide (Nome de uma das manchas da lua).

DA CHARADA EM QUADRADO:

Lei	ri	a
ri	bei	ra
a	ra	gão

DA CARTA ENIGMATICA:—Contreiras.

DOS LOGOGRIPHOS:—Alexandrino—Mantilha.

A RIR

Madame C. é ainda joven e formosa, comquanto duas vezes viuva.

—A primeira vez, dizia ella, casei-me aos dezesete annos, por simpl s curiosidade.

—E a segunda? perguntou-lhe alguem.

—A segunda .. por goloseima!

*

Calino quer casar seu filho, que, ao saber isto, derrama copiosas lagrimas.

—Mas, grande animal! observa-lhe o pae, toda a gente se casa... Eu mesmo sou casado.

—Sim, redargue Calino filho, sempre chorando; mas meu pae casou com minha mãe, emquanto que eu vou ser obrigado a casar com uma pessoa que não conheço!

UM CONSELHO POR SEMANA

CONTRA AS PICADAS DOS MOSQUITOS

Quando alguns d'estes insupportaveis pequeninos insectos vos picar a epiderme setinosa, gentilissima leitora, deitae 10 gottas d'amoniaco no valor d'uma colher d'agua, e friccionae o ponto mordido com uma compressa imbebida d'esta solução.

Em vez de amoniaco, podeis empregar, com egual resultado, ou melhor ainda, o acido phenico na mesma dose.

MATER DOLOROSA

Todas as tardes, quando o sol ia quasi a esconder-sa por detraz das cabeças eriçadas dos montes, e a penumbra do crepusculo começava a tingir de sombras esfumadas e rarefeitas as encostas verdejantes e as campinas extensas e relvosas, um vulto de mulher, em extremo miseravel, transpunha a porta do pequeno e modesto cemiterio da aldeia, e ia ajoelhar piedosamente junto de uma singela cruz de madeira, que negrejava ao abrigo de um velho cypreste esguio e somnolento.

Inspirava sincera compaixão a desgraçada. Não haveria coração que se não confrangesse ao aspecto d'aquella pallida e magra creatura, em cujo rosto macerado e esqualido se lia como que uma queixa amarga e pungente contra o implacavel rigor de um destino tormentoso e cruel. As suas pupillas quasi extinctas, a sua pelle empergaminhada e rugosa como a casca de um carvalho secular, o todo da sua physionomia triste e consternada, onde pairava de continuo um sorriso amargo e doloroso, denotavam que o sôpro de uma bem aspera tormenta cavara na sua vida um abysmo de infortunios, cheio de angustias dilacerantes, immerso em escuridões impenetraveis.

Na aldeia, onde todos a lamentavam, muitos a tinham conhecido ainda na pujante efflorescencia da mocidade, requestada e formosa, passando por ser a mais galante rapariga d'aquelles contornos. A sua belleza provocante fôra-lhe, porém, um dom

fatal, que se tornara em causa primaria dos seus infortunios.

Aos vinte annos namorara-se d'ella um D. Juan sertanejo, um ricaço immoral e tôrpe, que no fim de algumas semanas de requebros apaixonados a seduzia, para a abandonar quasi em seguida á propria vergonha, sem que um leve remorso lhe pungisse a consciencia depravada.

A rapariga a esse tempo já não tinha mãe, e o pae, um rude labrego muito honrado, e d'uma intransigencia brutal em questões de honestidade, nunca mais quiz saber da filha depois que esta lhe fugira de casa.

Sósinha no mundo, sem um amparo, sem um arrimo, sem um braço valedor que a protegesse, despresada e escarnecida até pela maledicencia *virtuosa* dos soalheiros, a infeliz foi definhando pouco a pouco e esteve a ponto de succumbir de dôr.

A sua situação era realmente desesperada. Gravida de mezes, não podendo dissimular o seu estado, esquivava-se, por envergonhada, a apparecer, e portanto era-lhe impossivel prover pelo trabalho ás suas necessidades quotidianas. A partir d'esse momento, a sua vida foi uma longa serie de privações e de tormentos, em que apenas lhe valeram algumas dedicações obscuras e bemfazejas.

Dava-lhe, comtudo, animo a ideia de que ia ser mãe. O fructo d'aquelles amores peccaminosos, que para tantas outras representaria apenas um fardo pesadissimo, era para ella um conforto e uma esperança dulcificante, que minoraria uma boa parte das agruras da sua sorte. Era-lhe preciso viver, não para si, que já nada lhe podia importar a vida, cercada, como se via, de um cortejo sinistro de miserias, mas por amor do pobre ente que trazia no seio, e que dentro em pouco solicitaria o leite de seus peitos e os desvelos do seu coração maternal.

PASTOR

A INFANTA D. EULALIA

E quando o filho lhe nasceu, quando ella lhe sentiu os primeiros vagidos infantis, a desgraçada comprehendeu que era indispensavel encher-se de coragem, e arrastar com os preconceitos estultos que lançam um estygma indelevel sobre a mulher que cahiu por amor, dando-se toda e para sempre áquelle que prometteu amal-a eternamente.

. Começou então para ella uma vida de trabalho e de lucta sem tréguas. Logo de manhã cedo ia para o campo, onde no meio de affadigosas canceiras, conseguia grangear o bastante para se collocar ao abrigo de privações, e permittir-se mesmo uns certos confortos.

Era uma excellente trabalhadora, modelo de actividade nas rudes fainas da monda, das ceifas ou da apanha, supportando tão heroicamente os rigores do frio, como as ardencias suffocantes do sol. Podia, sem receio, disputar vantagens ao trabalhador mais desembaraçado e robusto; e esta grande qualidade, junta ao seu profundo arrependimento e ás muitas lagrimas com que espiara a sua falta perante a tremenda auctoridade da opinião, começaram a captar-lhe as sympathias de toda aquella boa gente, que de resto já tinha esquecido inteiramente o escandalo que durante muito tempo matara a maledicencia ferranha das senhora visinhas.

Entretanto o rapaz crescia a olhos vistos, e já frequentava a escola do logar, onde iam todas as creanças da povoação em edade de aprender.

Era intelligente e bom, e apesar dos seus curtos annos, dominava-o um ardende desejo de trabalhar, de ser «alguma cousa» para poder ganhar a vida e tornar-se assim util áquella que lhe dera o ser, e cuja situação difficil elle sabia já comprehender e avaliar.

Pelo seu lado a pobre mulher não poupava esforços; e, cheia de uma sublime heroicidade, de uma abnegação illimitada, moirejava dia e noite, sem descanço, para grangear meios de um dia proporcionar ao filho, que tanto amava, o bem estar de uma mediania obscura mas confortavel.

A fatalidade, porém, não permittiu que ella visse realisada esta santa e querida ambição da sua alma.

O pequeno era debil e franzino. Um dia entrou a queixar-se, a sentir-se doente, e foi caindo n'uma tristeza e n'um abatimento que faziam dó. Uma anemia sempre crescente, rebelde aos esforços medicos do Galeno da aldeia, e á medicina sem duvida mais efficaz dos carinhos e dos desvelos maternaes foi-lhe pouco a pouco depauperando o sangue, e acabou por lhe transformar o corpo n'uma triste ressicação ossea, que a morte vinha pouco depois empolgar, para atirar á negra voragem da cova sepulchral.

Perante aquella fatalidade inexoravel, que lhe roubava para sempre o mais caro thesouro da sua alma, a dôr da pobre mãe foi tão profunda e tão horrivel, que a teve, por muitas semanas, expirante nas convulsões de um desespero mortal. Aquella intrepida luctadora, que até ali triumphára sempre da adversidade; aquella mulher heroica, que inspirada na mais santa das paixões—o amor maternal—tudo soubera vencer e domar, caia pela primeira vez vencida, e vencida para sempre, junto do cadaver inanimado do filho que lhe custára os mais sublimes sacrificios da sua alma!

Nunca mais teve forças nem animo para trabalhar, e teria morrido de inanição e de fome, abandonada sobre a misera enxerga do seu leito, se alguns corações generosos, condoidos de tamanho infortunio, se não houvessem empenhado em salval-a, repartindo com ella do pouco que possuiam.

E ahi está porque todas as tardes, quando o sol ia quasi a esconder-se por detraz dos cabeços erriçados dos montes e a penumbra do crepusculo começava a tingir de sombras esfumadas e rarefeitas as encostas verdejantes e as campinas extensas e relvosas, aquella triste mãe transpunha a porta do pequeno e modesto cemiterio da aldeia, e ia ajoelhar piedosamente junto de uma singela cruz de madeira, que negrejava ao abrigo de um velho cypreste esguio e somnolento, debaixo de cujas raizes se decompunha o cadaver do filho estremecido.

Magalhães Fonseca.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada 35, Lisboa